

ELISA LUCINDA: O LIVRO DO AVESSE E A *OUTSIDER WITHIN*

Patrícia de Paula Aniceto*

Jair Gomes de Souza**

Publicado pela editora Malê, *O livro do avesso*: o pensamento de Edite é uma obra lançada em 2019, cuja autora é a capixaba Elisa Lucinda. Embora seja mais conhecida como cantora, é autora de diversas obras que trazem os conflitos cotidianos vivenciados pela mulher negra. A tentativa de registrar, de capturar e de perpassar as fronteiras do pensamento pode ser percebida nas 154 páginas do referido livro. Partindo dessa especulação sobre o pensamento, Giorgio Agambem elucida que ele “é a pendência da voz na linguagem” (AGAMBEN, 2004, p. 159).

Nesse contexto, apesar de manter a forma de prosa, o conteúdo da obra em questão é bastante poético, pois como é sabido, a linguagem poética aproxima-se mais da música, mas genuinamente, a autora que também é multiartista e que admite que tudo que conquistou na vida foi através da poesia, consegue evocá-la e materializá-la até mesmo quando se trata do seu avesso.

Nesse sentido, o sujeito que protagoniza a referida obra não consegue escapar da voz que o persegue e que muito se aproxima da sua consciência. Essa voz incômoda que remete, num primeiro momento, ao ruído presente em *A construção* de Kafka consegue, na arte contemporânea, “escapar ao silêncio, escapar ao mito que nos funda de que não há mais nada a ser dito” (SCRAMIN, 2012, p. 133). Assim, como se pode notar, a fragmentação do discurso contemporâneo perpassa a linguagem poética e, em alguns momentos, ela mesma se torna a temática da obra em questão. Nesse exercício metalinguístico e, ao mesmo tempo, metapóético, a palavra torna matéria de si mesma, tanto na tentativa de oralidade quanto na reprodução escrita. Diante da crise da linguagem e da representação, Elisa Lucinda, assim como a grande maioria dos escritores contemporâneos, reconhece que o fazer artístico é mimetizado, todavia a responsabilidade dessa recriação e a revivificação da arte conferem-lhe uma originalidade que perpassa tanto a realidade quanto a ficção, através da escrita visceral e da própria autoficção.

Inicialmente, o título nos remete a “*outsider within*”, expressão cunhada por Patricia Hill Collins, na qual a ativista estabelece uma relação de alteridade entre a mulher negra e a mulher branca. Aqui, a forasteira de dentro estabelece uma relação imbrincada entre dois pensamentos: o exterior e o interior. Assim sendo, para que possa ser compreendida, Edite se faz ouvir nesses dois espaços de reflexão.

Narrado em primeira pessoa e com marcas de oralidade, o texto apresenta uma personagem caleidoscópica, como caracteriza a própria escritora Elisa Lucinda. Essa mutação da protagonista Edite estabelece um paralelismo com a narrativa fragmentada e com a ausência de linearidade no texto. Assim sendo, a obra caracteriza-se pela heterogeneidade. Ao buscar uma identidade própria, apresenta múltiplas perspectivas temáticas: o sagrado, o profano, as paixões, as crendices, as fantasias sexuais, as amizades, os sonhos, as decepções, a saudade, os medos, as experiências sexuais, as experiências com droga, a traição, a morte, o descontentamento com o machismo, a homossexualidade, enfim, todas as mazelas do avesso.

Ademais, a singularidade dessa obra pode ser percebida na Voz que, além de ser a representação do pensamento de Edite, é convocada a protagonizar também a narrativa. Vale

* Doutoranda em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), bolsista PBPG da UFJF. Mestre em Letras: Literatura Brasileira pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). Graduada em Letras: Português/Inglês pelo (CES/JF). E-mail: patricianiceto@yahoo.com.br

** Mestre em Letras: Literatura Brasileira pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). Possui Mestrado em Educação pela Universidade Salgado de Oliveira. Atualmente é Consultor Educacional para o Ensino Superior e Educação Básica. E-mail: jairgomesdesouza@gmail.com

lembrar que o pensamento é caótico, não cronológico e só faz sentido para quem pensa, todavia, aqui, a voz tenciona dialogar, consolar, apresentar os limites, as restrições sociais, o recato e o segredo de Edite. Afinal, ela conhece seu avesso: “o avesso sabe” (LUCINDA, 2019, p. 76). Nesse sentido, a Voz tenta orientar seu comportamento mostrando-se vigilante e conservadora. Contudo, é importante destacar que, apesar de ser personificada na narrativa, a Voz contesta e reprime as atitudes da protagonista, mas sem exercer pleno controle e domínio sobre ela, como podemos observar no trecho a seguir: “Não sei porque sou assim, tudo pode vir na minha cabeça. Até o que não quero. Fico controlando senão meu pensamento vira um rio doido, sem margem. E, sem margem alguma, água tem direção?” (LUCINDA, 2019, p. 152).

É interessante também destacar que a Voz não se presentifica em toda a narrativa: “Onde será que ela fica quando ela não está aqui?” (LUCINDA, 2019, p. 21). Contudo, nessa profusão do pensamento e da escrita de si, no excerto 106, a narradora vê a Voz dançando e cantando Djavan. Assim sendo, como se pode notar, Edite estabelece profícuos laços de relação e de alteridade com seu próprio pensamento. Ou seja, com esse “outro” que habita seu lado de dentro e que demonstra conhecer até mesmo suas mazelas mais secretas, nessa morada, até então, desconhecida para a narradora.

Em se tratando do pensamento de Edite, não há como existir uma sequência linear e, da mesma forma, não há uma exatidão do que seja realidade e ficção na obra. Dessa forma, tudo se transforma em sugestões que fluem ao longo da narrativa. Embora seja evidente esse desejo inicial de apontar, de destacar e de definir os caminhos do pensamento, é notável o entrave e o conflito que se constrói ao longo da narrativa entre a voz de cá e a voz de lá, bem como as vozes ancestrais que também não deixam de ecoar no texto e de sinalizar a construção identitária da Voz atuante na narrativa: “Ouço essas vozes, ralham desde longe comigo, acho que é o eco da infância. Da minha vó herdei uma voz que escuto e que ainda briga comigo. Da minha mãe herdei vozes que escuto, atendo e canto. E fofoco também” (LUCINDA, 2019, p. 31). Como efeito, a verossimilhança se funde na figuração do vivido que pode ser percebida como um *locus* de partida, através do embate em que se operam a realidade e a ficção. Afinal, “nem tudo é literatura. Que aflição! Viver é uma coisa, escrever é outra! Ditinha, você mistura tudo. Depois nem você vai saber o que é a verdade e o que é invenção)” (LUCINDA, 2019, p. 91). Inconscientemente ou não, dessa forma, a narrativa oscila entre a realidade, a ficção e o pensamento. Nesse sentido, a escrita torna-se uma necessidade: “se ela não escrever, enlouquece” (LUCINDA, 2019, p. 91). Diante desse texto metaficcional, a escrita de Elisa Lucinda representa um lugar de experiência que demarca o lugar de fala, de escuta e de pertença da narradora, num fluxo intermitente do pensamento que não arriscamos a chamar de fluxo de consciência.

Retomando a protagonista Edite, o que se observa é que ela é uma mulher negra, subversiva e bem-humorada que se relaciona afetivamente e efetivamente sem pudores com outras pessoas ao longo da narrativa. Embora não demonstre ser uma mulher ativista, com sutileza, ela toca nas feridas sociais com bastante ironia sem, contudo, deixar de estabelecer também uma crítica social, mas de maneira recreativa: “Ela é branca, mas você precisa ver, é uma pessoa maravilhosa” (LUCINDA, 2019, p. 39). E ainda: “Apesar de ser branca é uma pessoa espetacular. Tô brincando, gosto de brincar assim. (Não fala assim dos outros! Quando falam assim de você, você não gosta)” (LUCINDA, 2019, p. 106).

Assim sendo, Elisa Lucinda busca uma identidade própria, através de uma escrita subversiva e livre, capaz de revelar uma autenticidade no processo de criação do seu discurso. O fato de a autora ser afro-brasileira revela que atravessar as barreiras e desestabilizar as estruturas rígidas do romance tradicional implica em resistência às injunções sociais.

Demonstrando bastante introspectividade, a narrativa centraliza-se, dessa forma, na reflexão do lado de dentro, do avesso, do eu e do self de Edite que, forasteira de dentro, expressa suas emoções e sensações.

Apresentando um aspecto bastante positivo, no último excerto que encerra *O livro do avesso*, Edite parece preocupar-se com a definição do que, de fato, seria o avesso em sua vida quando constrói a imagem poética em que apela para uma possível tentativa de sua definição: “O avesso é o camarim da vida, hoje entendo. É o lado de dentro da gente. O interior dos meus cadernos que ainda não passei a limpo, os meus garranchos, os nós das pontinhas das linhas, minha roupa de baixo, meu pensamento íntimo” (LUCINDA, 2019, p. 154). Parece evidente que, na construção do processo de criação da *imagem*, a materialização da palavra e do pensamento caracteriza todo o enredo, bem como confunde-se com a própria Voz de Edite, como podemos notar: “como terei coragem de mostrar este avesso, se ele não puder ser confundido com o lado direito do pano?” (LUCINDA, 2019, p. 154).

Também, ao que parece, ao considerarmos o *status* de *outsider within*, são criadas estratégias de resistência capazes de promover mudanças, a partir da transformação diante do empoderamento da mulher negra “no espaço pessoal e privado da consciência individual de uma mulher. [...] Qualquer mulher negra que seja forçada a permanecer, como indivíduo, ‘inerte por fora’ pode desenvolver o ‘dentro’ de uma consciência transformada como esfera de liberdade”. (COLLINS, 2019, p. 211). Assim sendo, a partir do autoconhecimento, a potencialidade do pensamento de Elisa Lucinda pode ser percebida na necessidade de resgatar o “eu” dentro do próprio “eu” do sujeito protagonista, através do conhecimento de uma voz independente que acaba por ser revelada como sendo uma voz feminina. Na tentativa de exercer o controle sobre Edite, desconstrói essa possibilidade sem, contudo, deixar de entrever sua origem, a construção e a formação desse pensamento que é capaz de romper com os limites do silêncio.

Nesse exercício do pensamento e nessa relação imbrincada de alteridade, entre a pendência da voz e da letra, há um espaço de anterioridade que, embora revele a intimidade do avesso do sujeito, sem falsear, apresenta o jogo duro de corpo a corpo com a origem do que foi escrito quando tudo ainda era apenas pensamento, ou seja, “a procura da voz na linguagem”, em *O livro do avesso: o pensamento de Edite*.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. O fim do pensamento. Tradução Alberto Pucheu. *Terceira margem*, Rio de Janeiro, ano 9, n. 11, p. 157-159, 2004.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 31, n. 1, p. 99-127, jan./abr. 2016.

_____. *Pensamento feminista negro*. Tradução Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

LUCINDA, ELISA. *O livro do avesso: o pensamento de Edite*. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

SCRAMIM, Susana. *O contemporâneo na crítica literária*. São Paulo: Iluminuras, 2012.

Data de submissão: 01/05/2019

Data de aceite: 28/08/2019